

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE  
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**DEPRESSÃO NARCISISTA NA SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA**

**Fabiano Puglia Moreno Marin  
Gracieli Lopes Cardoso  
Kátia Bacaro  
Velder Ferraciolli Escher  
Orientador: Prof. Átila Rogério**

**Sorocaba/SP**

**2021**

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE**  
**CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**DEPRESSÃO NARCISISTA NA SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA**

Artigo apresentado em cumprimento às exigências para  
A conclusão do Curso de Formação em Psicanálise  
sob a orientação do Professor Átila Rogério

**Sorocaba/SP**

**2021**

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE**  
**CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Autores: Fabiano Puglia Moreno Marin**

**Gracieli Lopes Cardoso**

**Kátia Bacaro**

**Velder Ferraciolli Escher**

**DEPRESSÃO NARCISISTA NA SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA**

Avaliado em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Nota Final: (    ) \_\_\_\_\_

---

**Orientador (Professor Átila)**

---

**Professor(a) Examinador(a)**

Sorocaba/SP

2021

## Depressão Narcisista na Sociedade Contemporânea

*O olhar do outro define quem eu sou*

### **Resumo**

Neste texto são consideradas a ilusão e a desilusão dos desejos não realizáveis, o sentimento de como o sujeito gostaria de ser e a distância entre suas aspirações e metas futuras. O amor por si mesmo aponta a maneira como o sujeito mantém o ideal do ego na interpretação dos fatos de sua vida; as relações que têm, em maior ou menor grau, com os outros em termos de complementaridade, já que a história de cada um corresponde à história do outro; ou seja, os efeitos do mundo externo atuam no psiquismo, produzindo repercussões sobre o narcisismo tais como as separações, frustrações e perdas que podem levar à depressão. A vicissitude da pulsão se dá no encontro com o outro. Quanto mais narcisista uma relação, maior a agressão; quanto maior é o compromisso narcisista, maior é a inveja do sujeito nas relações objetais. A partir desses referenciais, usa-se o termo desilusão como expressão do excesso e da dor pelo que já foi, por aquilo que passou.

**Palavras-chave:** *Narcisismo, Depressão, Desilusão.*

### **Abstract**

This text considers the illusion and disillusion of unachievable desires, the feeling of how individuals would like to be and the distance between their aspirations and future goals. Self-love indicates how individuals maintain the ego ideal when interpreting facts of their life and their relationships, in a lower or higher degree, with others in terms of complementarity, since each person's history corresponds to the other's history. In other words, external world effects act on psychism, producing consequences on narcissism, such as separations, frustrations and losses, which might lead to depression. Drive vicissitude takes place in the encounter with the other. The more narcissistic a relationship is the higher the aggression; the higher the narcissistic commitment, the higher the individual's envy in object relations. Based on such theoretical framework, the term disillusion is used as an expression of excess and pain for what has already passed.

**Keywords:** *Narcissism, Depression, Disillusion.*

## **INTRODUÇÃO:**

A depressão será abordada com relação aos aspectos narcísicos do sujeito e suas possíveis relações com os sintomas depressivos. Ressaltamos que esta é apenas uma possibilidade de se pensar nos sintomas depressivos, sendo que outros entendimentos não devem ser excluídos como, por exemplo, aquele que ocorre naturalmente devido a situações de luto pela perda de uma pessoa querida, dentre outras possibilidades. É uma das mais antigas doenças, embora sua identificação como patologia própria tenha se dado somente no século XVIII. Caracteriza-se como um transtorno do humor e seus principais sintomas são: melancolia, tristeza profunda, falta de motivação, fadiga, dificuldade de concentração, perda da libido, e em estágio mais grave, até impulsos suicidas. É uma doença de diagnóstico complexo, tendo em vista não apenas a sua multiplicidade de sintomas, mas principalmente a dificuldade de identificação de um fator preponderantemente responsável pelo seu surgimento. Há quem sustente que se trata de uma doença psicogênica, que se desenvolve em pessoas predispostas, que nascem com perturbações neurológicas. Há, por outro lado, quem defenda que a depressão decorra de problemas de ordem emocional, em razão de fatos ocorridos ao longo da vida. Saúde Mental é estar de bem consigo e com os outros. Aceitar as exigências da vida. Saber lidar com as boas emoções e com as desagradáveis: alegria/tristeza; coragem/medo; amor/ódio; serenidade/raiva; ciúmes; culpa; frustrações. Reconhecer seus limites e buscar ajuda quando necessário.

## **OBJETIVOS:**

Este trabalho tem por objetivo demonstrar como a depressão narcisista causa problemas em muitas áreas da vida, como relacionamentos, trabalho, entre outros. Pessoas com depressão narcisista podem ser geralmente infelizes e desapontadas quando não recebem favores especiais ou admiração que acreditam que merecem. Eles podem achar seus relacionamentos insatisfatórios, e outros podem não gostar de estar perto deles. A Psicanálise como acompanhamento pode oferecer a solução para o entendimento e reestabelecimentos dos sintomas.

## **DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA – FATORES DESENCADEADORES:**

A depressão narcísica, num primeiro olhar, pode surpreender pela aparente distância conceitual entre “depressão” e “narcisismo”.

A ligação entre as duas condições, que dá nome ao tema do presente trabalho de conclusão de curso, em linhas gerais e introdutórias, ocorre desde os primórdios da formação da personalidade da pessoa.

Entendemos que a depressão narcísica tende a ocorrer, com maior incidência, em homens brancos de classe econômica média ou acima, pelas razões abaixo expostas, contudo aqui esclarecemos que tal opinião deriva da observação social e de estudos relacionados ao tema, porém sem a devida comprovação científica, de modo que aqui não pretende, nem possui condições de comprovar tal tese teórica acerca da probabilidade da incidência da depressão narcísica no perfil destacado.

Isto posto, considerando alguns dos principais sintomas do narcisismo, os quais serão elencados e mais profundamente analisados em tópico próprio no presente trabalho, bem como as situações que não raramente cercam homens brancos de condições social média/elevada, desde a infância, os colocam como principais candidatos a serem acometidos pela doença aqui tratada, senão vejamos.

Historicamente, ao longo da progressão temporal das sociedades, é perceptível a condição de poder estipulada ao perfil de pessoa em comento, seja em relação a posição que este ocupa e é colocado diante da sociedade, seja na relação deste com as mulheres e demais integrantes da família.

Tais situações podem estimular o desenvolvimento da personalidade narcísica no indivíduo, que caso acredite que não atingiu as expectativas sociais que entende como impostas a si, poderá ocasionar a frustração, levando-o, conseqüentemente, a depressão, dependendo da gravidade das situações e do modo que o sujeito enxerga a si e a realidade.

Outra forma de se instalar a depressão em uma pessoa narcisista seria a elaboração de um ideal de ego não alcançado por ela, o que também tende a atingir com maior incidência os homens brancos de boa condição social-econômica, eis que estes podem ser inconscientemente estimulados a acreditarem serem superiores aos demais e que suas vontades sempre serão imediatamente satisfeitas.

Estes poderão entender que lhe são devidos, o poder, o imediato atendimento de todos os seus desejos, status social elevado, condições financeiras abundantes e mulheres como mercadoria, sendo que caso tais situações não ocorram, o sujeito também poderá sentir-se frustrado, levando-o, eventualmente, a condição depressiva.

Cumpra aqui fazer uma observação, que os ataques a escolas e afins que ocorreram, sobretudo nos Estados Unidos, nos últimos anos, foram praticados por homens brancos.

Tais fatos nos fazem pensar numa possível ligação entre a condição narcísica, aparente na maioria dos agressores desse tipo, e a frustração sofrida por estes, acompanhada do sentimento de fúria e revolta que desencadeia na agressividade, quando lhe são negados os desejos, tal como a rejeição de uma mulher, que tende a ser vista por ele, como algo inferior que deve satisfazer seus desejos.

Naturalmente, a condição narcísica aliada a depressão pode causar diversas outras situações penosas, tanto ao sujeito acometido pela doença, quanto para a sociedade e aqueles com quem ele convive.

Assim, imperiosa a atenção e estudo ao tema a fim de mais habilmente identificar os sujeitos acometidos pela doença e bem tratá-los.

## **A DESILUSÃO DO NARCISISTA**

Em estudo de psicanálise, intitulado “Narcisismo e depressão: um ensaio sobre a desilusão”, a ilustre Maria Beatriz Jacques Ramos, assevera:

“Na patologia narcísica, não há consciência clara de si mesmo. Isso faz pensar que o narcisismo patológico evidencia uma falha parental traduzida por um profundo questionamento sobre a própria existência, por um matiz afetivo deprimido em que a sobrevivência psíquica não está assegurada.

O sujeito clama pelo direito de ser, porque os outros não puderam construir a transicionalidade. Um espaço regado pela sustentação emocional, pela simbolização e ilusão, favorecendo o aparecimento da somatização, da atuação e da destrutividade desde os primeiros anos de vida.”

Podemos extrair do texto acima que o choque de realidade eventualmente sofrido pelo narcisista, poderá levá-lo à desilusão, eis que vê seu ego ideal não atingido, sem reconhecimento externo, o que poderá abalá-lo em intensa frustração.

Nesse diapasão, assim também expõe a autora:

“A cegueira e a desilusão podem ser a história do deprimido; história que desvela a verdade do humano, o pulsional da destituição da ordem simbólica.

Ficar cego à alteridade é uma metáfora, pois é ficar cego à diferença. Submeter-se ao caos, ao primitivo, à banalização que reduz as diferenças e os sentimentos em puro prazer de apoderar-se do outro, tomar o que não é seu.

Também é permanecer num sentimento culposos e intolerante às perdas, com um alto nível de exigência pessoal, num estado permanente de ambivalência por um desejo inatingível. Sabe-se que as perdas não elaboradas mobilizam a agressividade contra o outro e contra si mesmo. O ego se empobrece com ideias carregadas de afetos que, se forem conscientizados, provocam desprazer, sofrimento. Por isso é necessário o recalque, uma defesa contra os desejos proibidos.”

O encontro com a realidade em contraste com a ilusão que tem de si mesma, leva o narcisista à desilusão, a frustração intensa, ante as expectativas que entende que a sociedade teria dele ou ante a própria imagem grandiosa que tem de si.

A depressão, quando instalada no narcisista, inclina-o a desistência de seu desejo ilusório e grandioso, do qual acreditava fazer jus, o que implica no aparecimento de um vazio de pensamentos e total falta de laços de afeto, seja com a vida ou com as demais pessoas do mundo, com a conseqüente perda de energia para prosseguir na jornada existencial.

A ilustre Daniela Rosane Dunke, em seu trabalho intitulado “Aspectos Narcisistas de Depressão”, esta destina um capítulo a tratar do tema “Depressão e a relação com o narcisismo no contexto atual”, o qual julgamos relevante aqui transcrever, eis que a questão é abordada pela autora de forma ímpar, sendo que trataremos de seus apontamentos, na sequência.

Segue a transcrição do texto em comentário:

“Se pararmos para pensar em características de pessoas na sociedade de hoje, não demoraremos em chegar a palavras como egoísmo, individualismo, inveja, solidão. Paralelamente a isto, temos relações superficiais entre os indivíduos e pautadas em interesses pessoais. Com este trabalho, estamos tentando, pensar em hipóteses que ajudem a explicar tais comportamentos. Esteves e Galvan (2006) mencionam que a sociedade como um todo está diante de perda de limites no que diz respeito à obtenção de objetos que dão satisfação e geram bem-estar. Neste sentido, comentam as autoras, as relações têm se pautado sobre fatores relacionados ao narcisismo e à autoestima que muitas vezes não são atingidos. A consequência da ausência de gratificação ansiada é a frustração, já que os objetos procurados e alcançados não satisfazem. Lisondo (2004) identifica a era pós-moderna como era do vazio e da imagem cujos predicados essenciais são o individualismo hedonista e narcísico, a apatia, a sedução generalizada e a inversão dos ideais. Segundo Lisondo (2004), tais atributos encobrem a verdade.

Monti (2008) refletindo a cerca de uma possível relação entre as psicopatologias contemporâneas - dentre elas a depressão - e a condição cultural e social da infância na contemporaneidade, acredita que as gerações são moduladas por um pacto narcisista implícito, através do qual as crianças são transformadas em majestades pelos seus pais. Esta ideia, na verdade, o autor expande a partir de um trabalho de Freud datado de 1914 sobre o tema do narcisismo, no qual é colocado em evidência o modo como os pais tratam os seus bebês lhes atribuindo poderes acima das leis naturais e os eximindo de qualquer obrigação para com a cultura.

Freud (1914) coloca que o bebê deve satisfazer os sonhos e os desejos que os pais nunca conseguiram realizar, tratando-se, dessa forma, de uma volta ao próprio narcisismo dos progenitores que encontram na criança a imortalidade do Eu. Portanto, aborda-se a questão do afeto e do amor parental que torna o bebê perfeito e que tudo pode num mundo cheio de limitações e de regras a serem seguidas. Monti (2008), então, vale-se da premissa “sua majestade o bebê” e das atuais leis da natureza e da sociedade para pensar na clínica do vazio (depressão) e outras doenças atuais.

O mesmo autor comenta que nos primeiros momentos de vida, somos submetidos a um contrato definido por Aulagnier (conforme citada por Monti, 2008) como “contrato narcisista” ao qual somos incumbidos de uma missão. Trata-se da transmissão

geracional dos fantasmas dos pais na qual as expectativas deles são depositadas na criança que, por sua vez, as carregará por toda a vida. Monti (2008) explica que tal contrato faz a ligação entre o bebê e as gerações anteriores. É o lugar no mundo, investido narcisisticamente pelos pais, dado ao recém-nascido que passará a ocupá-lo. Além deste aspecto, o autor amplia a reflexão para a dimensão social ao colocar que cada recém-nascido vem fazer parte de um conjunto no qual os pais já estão inseridos através de relações com os demais familiares, amigos, conhecidos, colegas, etc. Portanto, a criança será reconhecida também pelo meio social em que os pais estão vinculados.

Quanto a isto, Lisondo (2004) afirma que o *infans* nasce numa cultura, todavia chega tarde ao mundo tendo em vista que a vida já estava em andamento. A autora lembra que, de modo metafórico, a cultura, os mitos familiares e institucionais, os valores, os ideais, as histórias transgeracionais, as missões a cumprir, os projetos identificatórios e as proibições ecoam na vida dos pais e/ou cuidadores esculpindo, desta forma, o ser que está por vir. Assim, Lisondo (2004) acredita que a cultura é responsável por estruturar o sujeito, além disto, também é co-responsável pelas novas patologias.

Neste sentido, Monti (2008) atenta para algumas diferenças ocorridas nos últimos séculos. Ele traz que, no fim do século XIX, a composição da família tida pelo número de filhos, as muitas mortes de recém-nascidos e os inevitáveis abortos espontâneos são coisas que quase não se verificam hoje em dia. Ele comenta que até alguns anos atrás, a mulher tinha deveres diferentes dos que tem hoje e outro status no meio social; suas principais incumbências eram cuidar da casa e dos filhos. A medicina também era outra, bem menos sofisticada e com menos recursos da que conhecemos agora. Muito provavelmente, por isso, muitos bebês morriam. Às vezes, quem morria eram as mães. Enfim, era uma realidade triste, mas bem conhecida por todos, porém ocorre bem menos hoje em dia. Com a tecnologia que se tem hoje e a qualidade/quantidade de conhecimento dos médicos, as chances de algo dar errado durante a gravidez, ou mesmo no parto, são menores. Outra mudança significativa é o uso de anticoncepcional no controle da natalidade. Este fato vai ao encontro das “novas” mulheres que se inserem fortemente no mercado de trabalho deixando para trás a dependência financeira do marido. Portanto, na nova realidade, temos mulheres mais ativas socialmente, casais com menos filhos e ciências da saúde mais completas e eficazes. Essas alterações sociais são interessantes de serem mencionadas para

pensarmos na forma de afeto e cuidado dos pais no início do século passado em comparação com os de agora para refletirmos sobre a imponência da sociedade narcisística que ora se instala.

Esteves e Galvan (2006) pensam por outra via. Elas comparam a sociedade mais antiga com a sociedade de hoje constatando que o que causava angústia nas pessoas antigamente eram aspectos relacionados ao cumprimento de regras. Não havia espaço para a liberdade de expressão, nem para autonomia prevalecendo sempre a repressão. Esta era imposta pelo governo ou pela igreja. Atualmente, ocorrem múltiplas possibilidades de escolha o que é colocado pelas autoras como imperativo ao vazio depressivo. É tanta liberdade e autonomia que as pessoas não sabem o que fazer com isso ficando *“imersos num mar de possibilidades”* (Esteves & Galvan, 2006, p. 134).

Monti (2008) lembra que, há algumas décadas, as crianças eram frequentes trabalhadores de fábricas e indústrias. Isto quando não se transformavam em soldados de guerra para defender a nação. Claramente, os valores sobre as crianças, hoje em dia, estão bastante mudados com relação há pouco tempo e, é claro, que o excesso de cuidados, os mimos exagerados e a demasia de agrados deixam marcas nas pessoas. Obviamente que a vida infantil de antigamente era muito pesada com as crianças e deveria sofrer alguma transformação, mas o que ocorre atualmente é um exagero de cuidados que talvez repercuta no futuro e influencie nos modos de relação interpessoais. Monti (2008) comenta que com o tempo, se desenvolveu toda uma política preocupada em torno das questões da infância, dos cuidados infantis, da relação mãe-bebê e se elaborou uma conscientização geral de cuidados com as crianças. Tal evolução se en crustou nos costumes sociais e hoje o que se tem é uma verdadeira cultura da infância. As crianças ganharam espaços na sociedade nunca antes pensados na história e, com isso, a exaltação pelos pais ganha força. Os mesmos, segundo Monti (2008), passam a facilitar, cada vez mais, a obtenção de gozo e prazer aos seus filhos o que acaba por marcá-los na sua constituição como sujeitos.

Esteves e Galvan (2006), sobre a depressão no contexto atual, pensam sob um viés diferente deste apontado por Monti. As autoras mencionam uma depressão narcisística ligada ao desamparo parental cuja falta de referências pela mãe que não gratifica faz o sujeito estruturar um “eu grandioso” idealizador da imago parental. *“Esta falta básica determinará que o sujeito busque emprego, relacionamentos, autoimagem,*

*casa, situação financeira satisfatória – todas elas como expressões simbólicas de objetos que visam superar a vivência do desamparo”* (Esteves & Galvan, 2006, p. 132). Elas dizem que da ausência de uma identificação bem estruturada com a prevalência de internalização de bons objetos, ocorre a busca incessante por gratificações que não serão atingidas. Complementando, as autoras dizem que o sujeito deprimido é cheio de medos devido às inúmeras frustrações que feriram o seu narcisismo. Deste modo, a depressão seria a defesa contra a dor das gratificações não alcançadas.

Agora, algumas questões: a posição privilegiada na qual são colocados os bebês não vai acabar pesando de alguma forma sobre eles? Afinal, que tipo de angústia surgiria quando caíssem do trono? Qual seria sua reação ao se depararem com os limites impostos pela realidade? Até que ponto a *“sensação de ser tudo e não ser nada tem a ver com aquele manto depressivo inespecífico que envolve as queixas de nossos pacientes”*? (Monti, 2008, p. 246). Estas questões surgem para Monti (2008) porque o número de pessoas se queixando de um vazio existencial, um sofrimento generalizado e pouco estruturado está cada vez maior nos consultórios dos psicanalistas. Talvez essas pessoas sejam vítimas da *“monumentalização”* da infância. Por outro lado, Esteves e Galvan (2006) questionam se as manifestações sintomáticas da depressão hoje não seriam expressões de um narcisismo ferido. Ou será que se trata de estruturas depressivas propriamente ditas?

Segundo Monti (2008) a angústia que abate as pessoas hoje em dia não é mais a da culpa, mas sim a da inadequação, do vazio, do déficit do desempenho e da insuficiência vexaminosa. Parece que fomos *“dominados pela indiferença e pelo impulso à auto realização a qualquer preço”* (Monti, 2008, p. 240). Para Fédida (1999), estamos imersos na cultura narcisista, preocupados apenas com o próprio desempenho e em estarmos próximos das expectativas ideais impostas pelos novos tempos. Dessa forma, o que se verifica, muitas vezes, como resposta a tantas exigências, é a depressão em função do fracasso por não se atingir os objetivos idealizados.

De fato, estamos em novos tempos, com novas psicopatologias. Diferentes daquelas da época de Freud. Não ouvimos mais falar em pacientes histéricos, por exemplo, por outro lado a incidência de pacientes deprimidos cresce cada dia mais. De acordo com Monti (2008) houve um redirecionamento no pedido de ajuda coerente com o

contexto social de agora manifestado pelo egoísmo e pela solidão.

Estou de acordo com este quando ele escreve que as grandes mudanças nos valores da infância possivelmente impliquem grandes alterações no contrato narcísico, pois as pessoas agem de acordo com o que é dado ao seu tempo e são influenciadas pelas circunstâncias sociais. Acredito também que os exageros em cima dos cuidados infantis e o excesso dos pais sobre seus bebês podem gerar consequências negativas para o sujeito. E concordo ainda com Esteves e Galvan (2006) quando relacionam a depressão ao desamparo causado primeiramente pela mãe e posteriormente pelos anseios sociais. Acho que aqui, como em demais contextos da vida, deve haver um equilíbrio no que tange as relações de pais e mães com os seus bebês. Embora exista um momento, no início da vida do bebê, em que ser majestade é importante e necessário para a sua constituição, devemos ter claro que a permanência no trono para além do período normal é prejudicial para o sujeito, bem como o excesso de desamparo que também é danoso ao bebê. Percebo que tanto Monti (2008), quanto Esteves e Galvan (2006) concordam que estamos numa cultura que oferece muitas possibilidades. Todavia Monti (2008) fala de um hiperinvestimento no bebê que é pouco frustrado pelos pais e, assim, segue sendo “sua majestade a criança” com fácil acesso ao gozo e a tudo que quiser. Contudo isso acaba pesando na constituição dessa pessoa que não tem pais que imponham limite nessa criança. Deste modo, para estes sujeitos, fica a fantasia de que eles podem tudo o que querem. Já Esteves e Galvan (2006) vão pela via da falta de investimento, isto é, que se trata de pais muito voltados para outras funções, além da de cuidar dos filhos e, por isso, acabam investindo pouco nos seus bebês. Consequentemente ao pouco investimento, pode surgir o sentimento de culpa, por não se dedicarem tanto a eles, o que acaba tentando ser contornado por muita permissividade como atitude compensatória. De qualquer forma, podemos pensar em alguns quadros depressivos que vão mais pelo caminho da falta de investimento, enquanto outros vão pelo seu excesso. Portanto os dois pontos de vista não são excludentes, mas sim complementares.

Lisondo (2004) escolhe o termo “vazio mental” para falar de um conjunto de patologias narcisistas destes tempos, a saber: neo-sexualidades, drogadição, bulimia, anorexia, doenças psicossomáticas, depressão, dentre outras. Para a autora, cada uma dessas doenças revela uma tentativa de preenchimento do vazio que assola o sujeito

atualmente. Lisondo (2004) acredita que o vazio é gerado e aprofundado quando faltam experiências reais, genuínas e autênticas aos indivíduos. A autora diz que estas pessoas precisam *“inscrever e dar figurabilidade àquilo que nunca teve vez de ser constituído no psiquismo”* (Lisondo, 2004, p. 344).

Alguns autores consideram a depressão apenas como um estado, e não uma patologia ou estrutura, como é o caso de Cintra (2001) e Peres (2002), conforme citados por Daniel e Souza (2003). Estes autores avaliam a depressão como um estado relacionado principalmente a uma falha na integridade narcísica. Para eles, os sintomas depressivos teriam sempre, de alguma forma, raízes em experiências traumáticas, como, por exemplo, uma perda constitucional que deixou uma ruptura na integridade narcísica. Segundo Cintra (1999, citado por Daniel e Souza, 2006), tal perda poderia significar que alguma perturbação nos contatos afetivos mais iniciais deixou sua marca sob a forma de uma impotência para a vida relacional e de fantasia. *“Assim, encontra-se prejudicada na vida do sujeito sua possibilidade para constituir um mundo de fantasias e sonhos que funcionaria como uma reserva psíquica, apta a protegê-lo contra a excessiva vivacidade das experiências emocionais ligadas à oscilação entre ausência e presença do objeto de amor”* (Daniel e Souza, 2006, p.126).”

O texto acima, brilhantemente escrito, merece maior atenção de nossa análise, a qual passamos a expor a seguir.

Entendemos que a abordagem do contexto atual da sociedade se faz imprescindível para uma análise apropriada acerca do aspecto narcisista na depressão.

Conforme bem relatado pela pesquisadora Daniela Rosane Dunke, é significativa a influência da atual sociedade no desenvolvimento de uma personalidade preponderantemente narcísica, de modo que corrobora para que o sujeito elabore um ego ideal inalcançável, gerando, conseqüentemente, frustração e sofrimento.

O sentimento de vazio existencial, tão presente nas pessoas de hoje, pode decorrer de inúmeros fatores, tais como: i) às inúmeras possibilidades concedidas pela vida; ii) a “realeza” concedida pelos pais aos filhos”; iii) a falta de afeto e tempo destinados pelos pais aos filhos; iv) a imagem externa e status como fundamentais para o pertencimento social; v) o egoísmo e individualismo exacerbados, enaltecidos pela cultura de competitividade extrema; entre outros.

Acreditamos que tais sentimentos e imposições socioculturais possuem relação próxima com o famoso “amor líquido” teorizado pelo saudoso eminente Zygmunt Bauman, eis que decorre da indiferença pessoal com os laços humanos, da facilidade de quebra destes, priorizando-se egoisticamente o gozo a qualquer custo, na busca pelo preenchimento do “vazio”, oriundo dos ocorridos traumáticos da infância e do desejo de aceitação pela sociedade, descritos no parágrafo anterior.

A problemática combinação de ausência de afeto e carinho dos pais com a posição de realeza concedida aos filhos, tende, a nosso ver, a incitar a depressão narcisista, eis que favorece a construção do ego ideal perfeito e inatingível, o qual é constantemente buscado e não alcançado, enquanto o sujeito acredita fazer jus a todo o afeto de todos a seu redor, sem contudo recebe-lo, na medida em que, também, acredita ser possuidor de inúmeras qualidades fruto da autoestima irreal e superdesenvolvida ainda na infância, mas que não são, naturalmente, reconhecidas pela sociedade, ocasionando, por conseguinte, a frustração, que possivelmente, levará a depressão.

Destaque-se, também, a aparente exigência colocada pelos pais sobre os filhos, os quais são tratados como extensões egóicas daqueles, devendo satisfazer os desejos e anseios não realizados por seus pais, a fim de serem amados por estes.

Assim, o enraizamento das circunstâncias socialmente impostas, mormente no decorrer das duas últimas décadas, com o avanço da internet, globalização e mídias sociais, o entendimento de Lisondo (2004), no sentido de que a cultura é responsável por estruturar o sujeito e que, além disto, também é co-responsável pelas novas patologias, se faz plenamente presente.

Pelo exposto, entendemos que a resposta ao questionamento de Esteves e Galvan (2006), acerca das manifestações sintomáticas da depressão hoje, que seriam expressões de um narcisismo ferido ou de que se tratariam de estruturas depressivas propriamente ditas, pendem para a primeira hipótese, porquanto o narcisismo se mostra grandemente presente em nossa sociedade atual, incitando o aparecimento de quadros depressivos, em virtude das feridas narcísicas.

## RELATO DE CASO

O caso exposto no presente capítulo foi obtido através do link descrito no rodapé, sendo cabível observar que os nomes foram alterados a fim de se preservar a identidade do paciente.

Nossa análise sobre os relatos do caso em comento, será feita após este:

Márcia tem 37 anos. É casada e mãe de 3 filhas, a mais velha tem 19 anos e a mais nova tem 8. Ela diz que está deprimida já faz dois anos e conta um pouco da sua vida e de seus problemas. Vamos ao relato:

*“A minha vida toda passei dentro da igreja, sempre participei das missas, grupos de oração, e das pastorais, sobretudo, na pastoral familiar, onde trabalhava na parte do pré-matrimônio. A minha vida toda estive dentro da igreja, cumprindo aquilo que deus e a igreja pediam...”.*

Um fato que gerou um conflito muito grande na vida da paciente. Márcia foi criada e educada na igreja. Sua vida foi formada dentro dela, e ela se diz cumpridora de tudo o que a mesma pedia. Seu senso de moralidade é todo mediado pela instituição. Ela e sua família são pessoas ativas e líderes da comunidade, sobretudo, no que diz respeito aos casais.

Ela passa a falar dos seus problemas familiares:

*“Há 15 anos meus pais se separaram. Na época eu não conseguia entender o que havia acontecido. Compreendo que o casamento dos meus pais não estava bom já havia algum tempo, mas o porquê deles se separarem?! Como iria fazer os meus compromissos com a igreja se eles não estavam juntos? Como iria falar de família com os noivos se a minha família estava desestruturada? Ou melhor, a dos meus pais, visto que a minha família sempre esteve bem”.*

Márcia relata os conflitos psíquicos e interpessoais que resultaram desse cenário:

*“Eu e meu esposo ficamos fora da igreja por algum tempo, eu só chorava e ficava dentro de casa, não tinha coragem de ver as pessoas, o que elas pensariam a respeito da minha vida?!”*

## **A manifestação da ferida narcísica**

O primeiro problema que ela aponta como sendo o desencadeador da depressão é o final do relacionamento de seus pais. Porém, olhando entre linhas, vemos que a sua preocupação está voltada para o seu ego. Isto é, nota-se a presença de uma ferida narcísica.

Assim que eles se separam o seu questionamento se dá a respeito de seus trabalhos e de como as pessoas olhariam não para a sua família, mas para a sua vida. No seu ideal de vida por ser da igreja, Márcia deve ser antes de tudo um modelo para as pessoas.

É como se a vida de Márcia devesse ser perfeita e modelo para todos. Mesmo que isso acarrete infelicidade para Márcia.

Essa fase depressiva de ficar apenas em sua casa foi de 2 anos, ela passou por um psiquiatra que receitou antidepressivos e recomendou terapia, o que ela se negou a fazer nesse momento.

## **As consequências de um comportamento narcísico**

Segundo o que ela relatou, após 1 ano, voltou a se integrar à igreja, ajudada pelo padre e logo a seguir a sua vida se estabilizou. Até o momento em que alguns acontecimentos traumáticos associados a perdas aconteceram:

*“Depois de voltar a igreja e ver que o que aconteceu com a minha família não interferia no meu trabalho, voltamos com as atividades normais. Nesse tempo de volta, as coisas caminharam normalmente. Meu esposo sempre esteve em casa, trabalhando e ajudando no serviço, minhas filhas fazendo o que eu pedia, e estávamos muito bem na igreja...”*

Nível de sua felicidade e o que ela considera normal se resume ao pensamento de que todos a sua volta façam o que ela quer. Vemos que ela tem um comportamento narcisista, em que todos devem estar disponíveis para realizar os seus caprichos, sem considerar a vida dos outros.

O entendimento é a cura da ferida narcísica “Há dois anos, passei por um dos piores momentos da minha vida. Meu cachorro Biscoito fugiu de casa e a culpa foi minha. Deixei o portão aberto por dois minutos e saí para colocar o lixo fora. Não sei como fiz isso.

Achei que ele estivesse dentro de casa, procurei em todos os lugares e não consegui achar. A dor que senti foi como se alguém tivesse morrido. Parei de comer e passei a dormir muito.”

Depois de dois meses que o biscoito fugiu, tive uma briga com o padre da minha comunidade. Ele tirou a minha chave da igreja e não me chamou mais para nada. Com isso, eu e a minha família saímos da igreja.

Parei de fazer tudo o que gostava. A vida perdeu a cor, não faz sentido fazer nada! Perdi o meu cachorro, a igreja, não consigo sair de casa, voltei a tomar remédio. Há alguns meses estive pensando em tirar minha vida, afinal, perdi tudo o que amava, não tem mais nada que eu goste ou que faça sentido na vida.”

*“Hápois de dois meses que o biscoito fugiu, tive uma briga com o padre da minha comunidade. Ele tirou a minha chave da igreja e não* Márcia buscou a terapia após uma conversa, principalmente com os seus familiares. O problema central que ela encara é a perda daquilo que ela era. O seu modo de ser narcísico foi três vezes ferido.

Já com a separação dos pais, sua ferida narcísica cicatrizou-se. Ela entendeu que não era culpada, e que aquilo não feria em demasia a sua vida.

A consciência de que não somos perfeitos é imprescindível para manter a saúde psíquica. Na fuga do cachorro ela se diz culpada e aponta de modo profundo para o erro que cometeu. O erro, por mais simples que seja, mostra que ela não é perfeita como ela se julga. A briga com o padre foi o ponto final naquilo que ela julgava ser sua própria vida, o trabalho, as orações e etc.

Tudo aquilo que ela amava se perdeu em dois meses: o seu próprio ego.

## **Conclusão: A ferida narcísica de Márcia**

No caso de Márcia (nome fictício), ela ainda precisa passar por terapia para chegar nas raízes de seu problema.

Ainda tem um caminho longo pela frente, que deve ser descoberto, levando-a a entender melhor a sua ferida narcísica e a conhecer sua própria vida.

## **Análise e comentários do caso:**

O caso em comento aponta para uma paciente com estrutura narcísica que desenvolveu a depressão, razão pela qual se enquadra em nosso estudo, sendo salutar sua observação e análise.

A paciente em questão, ao que indicam os relatos, se vê como um modelo a ser seguido pelas demais pessoas, ou seja, como uma pessoa ideal, cumpridora de todas as suas funções perante à igreja, à sociedade e à família.

Num primeiro olhar, pode-se vislumbrar a presença de uma estrutura típica neurótica, em tese dominada pelo superego, haja vista a aparente forte influência religiosa, contudo, como bem apontado pela autora do texto, a atuação da paciente junto à igreja mostra-se, em verdade, como uma exaltação de seu próprio ego, eis que ela se vê como perfeita, como ideal, bem como se cobra para atingir tais expectativas que entende recair sobre si.

Observe-se que as falas da paciente apontam para uma exaltação de si mesma e um certo rancor em relação a quem não cumpre com aquilo que ela espera e considera como ideal, bem como com seus desejos, a começar pelo divórcio de seus pais e na forma que tal acontecimento pode prejudicar a imagem dela.

Tal como observara a autora do texto, o rompimento do relacionamento dos pais é tido como um golpe ao ego da paciente, causando “uma ferida narcísica”, o qual supostamente poderia desencadear os primeiros sintomas de depressão, tais como não sair de casa, não realizar as atividades da igreja e afins.

Porém, se faz necessário notar que essa primeira “ferida”, escancara a estrutura narcísica da paciente, que deixa de sair de casa e atuar perante a igreja justamente

para que sua imagem ferida não seja notada pelos demais de seu meio (“o que as pessoas pensariam de mim”).

Após um tempo de distanciamento e uma reclusão social, a paciente retoma as atividades da igreja e se mostra satisfeita enquanto entende que sua imagem segue ideal e seus desejos sejam atendidos, tais como o auxílio de seu marido e a subserviência de suas filhas aos seus desejos.

Através de tal exposição, podemos concluir que o “normal” para a paciente se afigura enquanto aqueles de seu meio se subordinem aos seus desejos, o que denota, claramente, um perfil narcísico.

Um novo acontecimento traumático na vida da paciente, qual seja a perda do cachorro, que supostamente desencadeou o “rompimento” com a igreja, porquanto o padre não mais atendia aos seus caprichos, eis que tirou-lhe a chave e não a “chamou mais para nada”.

Nesse diapasão, podemos perceber que o rompimento com a igreja se deu justamente por esta não atender aos desejos da paciente, o que configurou mais um golpe em sua imagem egóica.

Os três episódios relatados, de golpes ao ego da paciente, desencadearam um processo de depressão, a partir do qual ela se viu frustrada, impotente, incapaz de atingir o ideal que ela própria costumava a impor para si.

Tal percepção da paciente, potencialmente a levará a um melhor entendimento de si, maior aceitação e adequação à realidade em que vive, exigindo menos de si, através da percepção de que pode falhar (tal como o suposto erro pela fuga do cachorro).

Muito bem asseverou, a autora do texto, ao expor “Tudo aquilo que ela amava se perdeu em dois meses: o seu próprio ego”.

As feridas sofridas pela paciente, levaram-na a uma desconstrução de sua própria imagem, na qual a figura narcísica, em tese, em grande parte, “morreu”, o que permitirá o surgimento de uma nova imagem a ser moldada pela paciente.

## **RESUMO FINAL:**

A contribuição do presente trabalho se deu no sentido de refletirmos o “estado depressivo” usado como medida de proteção pelo “ego narcisista”, trazendo de forma clara, prática e objetiva, como as desilusões, fracassos e frustrações o fragilizam.

Concluimos que, num primeiro momento, o narcisismo é fundamental para a formação do ser humano e sustentação da autoestima, sendo um processo saudável que em determinado estágio deixa de concentrar-se exclusivamente no “próprio eu” e elege um outro ser como objeto de amor.

Trouxemos neste trabalho de conclusão de curso, a permanência do excesso de apressado por si mesmo e que em algum momento, a grandiosidade, sucesso e poder que o indivíduo acredita ter e ser não é totalmente atingindo/alcançado, gerando dor e sofrimento com os quais ele não consegue lidar resultando em comportamentos autodestrutivos.

Desta forma, conclui-se que a depressão é instalada por esse ego, como meio de diminuir os impactos nocivos de uma realidade antes ignorada.

*\*Palavras-chave:* Depressão. Narcisismo.

## Referências:

JACQUES RAMOS, Maria Beatriz. **Narcisismo e depressão: um ensaio sobre a desilusão** . Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372010000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000200010)

**Ferida narcísica: relato de caso psicanalítico.** Disponível em <https://www.psicanaliseclinica.com/ferida-narcisica/>

DUMKE, Daniela Rosane - **Aspectos Narcisitas da Depressão.** Disponível em [Introdução \(ufrgs.br\)](#)